

O LIBERAL.

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—Gaspar Augusto d'Oliveira Faria Basto.

PUBLICA-SE A'S QUINTAS FEIRAS

NUMERO 12.

Assignatura para Braga, anno.....1\$600 rs.
" " " " as provincias.....1\$840 rs.

Escriptorio da redacção rua Nova, n.º 45,
onde se recebem todos os annuncios e corres-
pondencias.

QUINTA FEIRA 28 DE NOVEMBRO.

Annuncios e comunicados, por linha. . . 20 rs.
Repetições 10 " "
Folha avulso.....50 " "
Publicações litterarias 2 exemplares.
Assignaturas pagas adiantadas.

ANNO, 1872



DIA 1.º DE DEZEMBRO DE 1640, SALVÊ!

Já vem arrebolando o oriente a aurora d'um grande dia, dia venturoso e formosissimo, em que um povo de heroes resurgiu de ignominioso captiveiro, mais laureado de gloria do que outr'ora nos campos d'Ourique.

O dia 1.º de Dezembro de 1640, assignalado com caracteres de oiro nas brilhantes paginas da historia portugueza, refulge esplendoroso entre os pesados negrumes de tyrannica oppressão, sem que o roçar de duzentos e trinta e dois annos, que se escoaram na enorme amputheta do tempo, lhe tenha apagado uma scentelha sequer da sua luz.

São tristes e ressumbram sangue os fastos d'este pequeno, mas brioso e heroico povo, durante o oneroso dominio de Castella; as lagrimas com que elle aljofrou, por espaço de sessenta annos, as gramalheiras de ferro que lhe manilhavam os pulsos, estão enthesoiradas na sua historia, como perolas de subido valor e sem jaça; o esforço poderoso e estupendo com que, n'um dia, em poucas horas, despedaçou as pedras do tumulo, onde, sessenta annos antes, mãos extranhas o tinham encerrado, tem pasmado as passadas e pasmará as nascituras gerações.

Só adormecido se captiva um gigante; só adormecido poderam subjugar Portugal! Se não fôra o abatimento moral e o desvigoramento physico, em que as riquezas, provindas das grandiosas conquistas do Oriente, tinham lançado este ousado povo, que, em Ourique, escrevea com a lança as mais brilhantes estrophes de triumpho, nunca o leão de Castella teria embebido sob as patas esta estreita tira de terra, que orla a parte mais occidental da Europa, este flôrido e gracioso jardim, beijado pelas mansas e carinhosas ondas do Atlantico. Portugal, que sempre fôra energico, brioso, intrepido e aguerrido, tinha adormecido, cançado dos seus estrondeantes triumphos, á sombra dos tropeus de victoria, e quando despertou, sentiu nos pulsos os grillhões com que um povo extranho, mancommunado com degenerados e pérfidos portuguezes, lh'os tinha manietado, durante o seu pesado somno; e viu, por cima de sua cabeça até á fimbria

do horisonte, escurentas nuvens que lhe não deixavam divisar uma nesga de céu azul. Foi horrivel o grito de dôr que então soltou este velho venerando e bellicoso.

Durante os sessenta annos de infame submissão, de vilipendiosas affrontas, de latrocinosas extorsões, adquiriu Portugal força e valôr para, um dia, esmigalhar o jugo que o opprimia. Foi então que João Pinto Ribeiro e quarenta fidalgos conjurados dos mais destemidos, reunidos, com o maior sigillo e prudencia, no palacio do Conde d'Almada, na noite de 31 de Novembro de 1640, planearam a empreza que, em poucos momentos, havia de desoldar do carcere, onde estava chumbada, a rija cadeia que a elle accorrentava um grande povo.

Repona o dia 1.º de Dezembro de 1640: a conjuração transforma-se de subito em medonha revolução; gréta, ao fogo da peleja, a argamassa que calafetava o sepulchro, onde jazia o povo portuguez; rangem as pedras d'elle, estalam com estrondo e vôam em estilhaços; despedaçadas as correntes que o captivava, ergue-se redivivo o povo portuguez, bradando:—*Liberdade, liberdade! Viva el-rei D. João IV.*

E este grito jubiloso, levado nas azas pandas dos ventos, foi ecoar como um hymno de triumpho em todas as regiões do mundo.

E o céu vestiu d'azul, e as nuvens que o obumbravam esfarraparam-se e desvaneceram-se, e a natureza inteira loucinou-se com as galas da primavera para saudar o dia do heroico resurgimento do povo portuguez, e o pendão das Quinas, desfraldado aos quatro ventos da terra, tremulou desnodoado nas ameias dos nossos baluartes.

E quando o sol subiu no horisonte, banhou de luz um povo livre, livre, para sempre livre, porque enquanto bater um coração portuguez n'um peito portuguez, enquanto se não derruiem as nossas fortalezas, sem que fique pedra sobre pedra, Portugal será sempre livre.

Salvê, Portugal! Dia 1.º de Dezembro de 1640, salvê.

Está em cobrança o importe do 1.º trimestre d'este jornal, e por isso rogamos aos snrs. assignantes de fóra da terra, o especial favor de o satisfazerem, ou por vales do correio, ou em estampilhas, dirigidas á redacção.

A LIBERDADE.

A liberdade, segundo os bons principios, é a faculdade de obrar o que a lei não prohibe; e não a desenfreada permissão, como apregôam os seus inimigos, de fazer o que a cada um aprouver. E', dando-lhe esta versão, que os que vivem em cerrado obscurantismo a acoimam de prejudicial á sociedade, e antagonista do verdadeiro progresso. Como te desfiguram, ó branca virgem dos lindos sonhos de Guilherme Tell. A baba da mentira, com que os apologistas do retrocesso social babujam o manto aurifulgente d'essa formosa heroína da civilização, que tem sahido incolume do fogo e fumo de cem batalhas, sempre risonha, sempre sympathica, sacode-a o brando bafo das brisas que o ondeiam.

Não se maisnem de desmoralisadoras e anti-religiosas as leis liberaes. As nossas leis vigentes prohibem expressamente o roubo, o assassinio, o ferimento, o espancamento, o ultrage á moral publica, a violação dos templos, a offensa á religião, e outros diversos actos, que qualificou como crimes, comminando penas para punição e castigo d'aquelles que os commettessem. O individuo, que praticar qualquer dos citados actos e semelhantes, é considerado criminoso, e como tal sujeito ao julgamento e á condemnação.

Quem odeia a liberdade, a liberdade bem entendida, como nós a queremos, ou é idiota ou sectario do feudalismo, que estabelece desigualdades na lei. No primeiro caso re-

commendamos-lhe uma casa pia que ha na capital d'estes reinos, onde se póde curar; o segundo caso tem uma resposta mais longa. Estamos em 1872, e não apagamos quarenta annos, com a facilidade com que um estudante de mathematica apaga da lousa o enunciado d'um problema que não sabe resolver. Querem alguns impugnadores da liberdade, que, por serem ricos e morarem em casas apaçadas, o povo os olhe como a uns semi-deuses, os corteje com respectividade, quando elles passam. Lhes obedeça cegamente e sem reflexão, e lhes satisfaça todos os desejos, todas as vontades, todos os caprichos, e todas as ordens; querem poder descarregar sobre o pobre o azorrague servil, e escarrar-lhe na face, sem que elle possa reagir, levantar sequer os olhos em signal de resentimento, ou pedir desaffronta á lei; querem elles sós dominar, por terem dinheiro que lhe não custou o suor que ao pobre custa, por ter palacios e titulos, muitas vezes conferidos por crueldades, os quaes no seu pensar, os fazem privilegiados.

Mas não: o povo já se não deixa acorrentar por esses que se julgam poderosos, porque a luz da liberdade esclareceu os antros escuros, onde se revolvião, em infernal tripudio, os victos e a injustiça. O povo já sabe perfeitamente, graças á civilização, que os homens, perante Deus e perante a lei, devem ser, e são todos iguaes; já não admite, nem jámais admittirá, as escandalosas e infames prerogativas feudaes; sabe respeitar as posições sociaes, mas quer e exige que o respeitem tambem; enfim, não tolera que um insolente, aforado em fidalgo, lhe cuspa no rosto e o chicote, isso não; porque as leis liberaes o considera igual ao maior poderoso da terra, e elle sabe que é um cidadão livre e não um escravo abjecto, porque sabe que as garantias são igualmente compartilhadas por todos os cidadãos.

E' talvez por isto, que alguns que

se dizem legitimistas, odeiam o systema liberal, por que os crimina, é esta a razão talvez por que se atrevem vociferar esta infame mentira: « O liberal não póde ser religioso! » Fatal cegueira vos apagou nos olhos a luz do dia, ó hypocritas meticulosos!

Sabeis o que o liberal não quer, nem póde ser, é jesuita embusteiro, fanatico estúpido, e homem servil.

O que elle não póde ser é covarde e miseravel assassino, matador, perseguidor de prisioneiros, inquisidor e amante da força e do patibulo.

O que não póde é encadeiar o pensamento, que n'elle é grande como o infinito.

O que elle não póde é servir-se sacrilegamente da capa da religião para maquiñar tramas politicos, e invocar o nome de Deus para conseguir malevolos intentos.

O que elle não póde é prégar aos povos doutrinas perniciosas e cheias de veneno e hypocrisia!

Estas e outras coisas não póde o liberal ser nem fazer, mas póde ser e é religioso, sem fanatismo, e respeitador da lei.

Deus creou livre o homem, e não hão-de as leis humanas, que todas dimanam das divinas, impor-lhe a escravidão. Deixai-vos de sophismas, estribados em falsos e quebradiços argumentos, porque o tempo passado não volta, e os povos, esclarecidos pelo facho rutilante da civilização, hão-de seguir o triumphante carro do progresso.

OS PALHAÇOS DA OPPOSIÇÃO.

Inaptos para um modo de vida mais honroso e grave, alguns opposicionistas, enfarinhando as caras com alvaide e enronpando-se em trajes burlescos, arvoráram-se em arlequins da grande companhia de saltimbancos politicos. Formam circulo na grande arena da imprensa, rufam o tambor, e exhibem as suas habilidades: mo-

meiam, contorcem os rostos em extravagantes esgares, dão cabriólas, etc., etc. Desgraçada gente! assim leva a vida, accendendo, nos labios dos circumstantes, o riso da compaixão!

E' uma perfeita comedia o que actualmente se está passando na imprensa periodica dos inimigos do governo, a respeito da ilha das gallinhas, a qual a snr.^a D. Antonia Puschich percebe uma pensão, em vista de documentos que apresentou.

Não é ridicularisando, que se resolvem as questões politicas. Se os da opposição téem razões para impugnar o decreto do governo dando a posse da ilha á dita senhora, apresentem-n'as, discutam-n'as. Aconselhem o governo e não o chasquem, que isso prova á evidencia a impossibilidade de contraposição.

Já que não póde a opposição criticar seriamente o governo, porque não tem motivos para isso, lança mão da arma do ridiculo, ultima taboia de salvação para os naufragos politicos, e com ella barafusta endemoninhada. Só compaixão merece esta gente, que não importancia.

E' dever de todo o jornalista analysar os actos dos governantes, á luz da logica, e approval-os ou reapproval-os, quer seja governamental, quer seja opposicionista; mas mofar, á laia de palhaço, sem apresentar razões e argumentos que comprovem o bom ou mau proceder do governo, é, na verdade, digno de dó.

Emquanto o nosso paiz requer toda a attenção dos nossos homens politicos, os opposicionistas, que estão em baixo e anseiam subir ao poleiro, que para isso guerreiam as gallinhas, fazem momices, e nada aconselham, nada justamente criticam, para nada servem.

Em vez de occuparem as columnas dos jornaes com a discussão das graves questões politicas, enchem-n'as de folhetins picarescos e chasqueadores.

Fizeram continua guerra ao sr. mi-

FOLHETIM.

O JOGO.

— SCENA POPULAR —

A AUGUSTO CESAR LEITE BORGES.

O gosto do jogo, que é um dos frutos da avareza, ou do enfado, apenas se apossa d'um espirito, ou d'um coração vazio.

Rousseau.

O jogo é o dissipador dos bens, o sorvedouro das riquezas, o desperdicio do tempo, o escóllo da innocencia, a ruina das sciencias, o paço das querellas.

Abysmo insondavel, oirizado de crimes, a cujas bordas estão sentados dois espectros horrendos: a fome e o opprobrio; pélagos immenso onde se somem os thesouros do rico, a honra do nobre, o pão do pobre; patibulo em que tantas e tantas familias são sacrificadas pelo algoz dinheiro!

E's a procella que tudo estraga e destróe; o veneno que corrompe a seiva da vida; o punhal que se crava no coração angustiado da esposa; o monstro que devora o sustento do filho; o ladrão do socego e felicidade; o assassino, enfim, de todas as virtudes!

Quem ha que te ame, ó monstro horrendo?! Quem que te adore no teu altar, ensopado no sangue de tuas victimas?!

E's o furacão que não deixa nem ao pobre uma migalha do pão que ganhou com o suor da fronte, e o precipita depois n'um despenhadeiro fragoso e profundo, onde está escripta, em letras de fogo, esta palavra terrivel: — PERDIÇÃO!

Maldicto sejas.

I.

— Com seiscentos diabos! a sorte está-me hoje avessa; nunca vi uma coisa assim! Pois heide ganhar uma vasa, ou não saio d'aqui hoje.

—Estarás então até á manhã, porque, quando tenho veia de ganhar, ninguém levanta cinco reis.

— Cala-te para ahí, com... não sei que diga, fallador do inferno: já te disse que me não vês d'aqui fóra, sem ganhar ao menos duas cartadas, ou se acaba hoje o mundo! E' uma birra como outra qualquer.

— Cautella com os palavrões, camarada; não sejas tam arrebatado e imprudente; olha que eu não sou para festas. Cautella com a historia... ora vamos.

— Talvez julgues que te professo algum medo, não? Ah! ah! ah! deixame rir, ah! ah! ah!...

Vociferavam estas palavras dois violentos parceiros d'esse jogo chamado monte, n'uma baiuca immunda, templo de desperdicio, allumiada pela tibia luz d'um ferruginoso candieiro, que projectava palór sinistro sobre os rostos dos parceiros e demais que cercavam a banca, rostos emmagrecidos, pallidos e afeiados pelos vicios.

Já tinha soado meia noite. A esta hora, talvez as esposas d'aquelles desgraçados estivessem orando ao Senhor, tiritando de frio, desfallecendo de fome, estreitados os filhinhos aos seios, sacratio uberrimo de delicias, dos quaes lhes davam o sustento e a vida que não tinham!

E elles, os malvados, sem se lembrarem da familia, da esposa que lhe afaga e enxuga a fronte, quando voltam do trabalho, do filho que lhes salta, sorrindo innocencia, ao collo, só attendem ao algoz que, com mão de ferro, os arrasta ao precipicio da deshonra e da miseria!

Que contraste!
Raça de homens, a que degradação tens descido!

A noite, escurissima, não era allumiada pelo brilho d'uma estrella. O céu cobria-se d'um docel negro. A tempestade aproximava-se.

Na taberna o jogo continuava, e os dois parceiros declamavam agora insultos, a tal tinha chegado a altercação de ha pouco.

— Aqui houve batota; — exclamava um — não pago a parada. Ora vejani que o maroto queria-me comer até ao ultimo seitel!

— Hade pagar! — berrava a outro, que, batendo com o punho sobre a meza, fazia saltar o dinheiro e as cartas. — Hade pagar, hade pagar, seu tratante! Quem não quer pagar, não joga.

— Tratante é você, seu atrevido! Não sei onde estou que lhe não prégo com o dinheiro na cara. Ladrão!

— Ladrão! chamam-me ladrão!... — berrou o outro, agarrando de so-

bre o balcão da bodega uma enorme faca de ponta, e correndo com ella ein punho sobre o adversario—Ladrão!... Deixem-me matar esse atrevido que tal disse.

O outro esperava o parceiro iracundo, pé firme, e olhar de tigre. Travou-se horrenda lucta, indescriptivel. Accorreram os circumstantes e o taberneiro; mas recuáram diante da faca terrifera.

O combate era desigual: um armado e outro desarmado; um d'elles havia de succumbir.

O desarmado, oppóz alguma resistencia, valentia inutil diante da faca do adversario, que se lhe enterrou até ao cabo, no orgão do coração.

Sem soltar um suspiro, baqueou desfallecido, morto.

O assassino, commettido o crime, estacou ante a victima, como espantado da sua ferocidade. Olhou depois em roda, e viu muitos dos assistentes a quererem agarral-o; deu uma reviravolta subita, e, com as mãos retintas no sangue do agora cada-verte, hirtos os cabellos, escaudante a fronte, trémulos os membros, correu para a porta, abriu-a, e fugiu, fugiu allucinado. Mas, ao sahir, esbarrou com um vulto, que lhe lançou mão de bronze, e lhe bradou:

— Aonde corre?!

Era a patrulha.

O homicida estava prezo. A justiça dos homens empolgava mais um matador, que o jogo fizera.

N. A. DE SOUSA.

(Continúa).

nistro da marinha, Jayme Moniz, e nem no leito de dor o deixaram socego. Se o sr. Jayme Moniz, embora talentoso no fóro, não fóra talhado pela natureza para homem publico, increpassem-n'o, apontassem-lhe os erros politicos que commettia, mas não o ridicularissem a ponto de o injuriar insolentemente.

Sabemos que as nossas colonias requerem um homem energico, que, com pulso poderoso, ampare aquellas perolas que querem escorregar-nos das mãos, e assentimos em que o sr. Jayme Moniz era pouco activo para exercer o lugar de ministro do Ultramar.

Quando a opposição veja que o governo errou, praticando este ou aquelle acto, expobre-o, e faça-lhe ver o errado caminho que tomou, mas não ridicularise o que deve merecer a nossa seria attenção.

Ficamos hoje por aqui.

COMMUNICADO.

Em vista do communicado que se segue, retiramos o nosso essencial artigo — Olho vivo.

Snr. Redactor.

Sendo assignante do seu muito lido jornal — « O Liberal » — tenho visto, com grande satisfação, o modo porque v. descobrem os nefandos crimes e repugnantes traficantes e ladrocinhas dos celebres membros d'uma infamissima associação, que ha n'esta cidade, cognominada — Olho vivo.

Na verdade, o « Liberal » tem prestado um grande serviço ao povo incauto, mostrando, com summa clareza, as acções heroicas praticadas pelos taes forasteiros, que necessariamente commungam as ideias dos communistas de Paris, mas que em julgo ainda mais perniciosos e malvados que elles.

Os communistas, impellidos por uma ideia extravagante e destruidora, no auge do seu delirio, mataram, roubaram, desolaram, incendiaram e lançaram por terra ricos edificios e admirandos e veneraveis monumentos, que mostravam ás presentes e mostrariam ás gerações futuras os feitos gloriosos de seus avós! Fizem tudo isto, mas não se escondem para o fazer; firmes e inabalaveis nos seus diabolicos principios, tornoram-se feras indomaveis, mas atacavam de face; não feriam traiçoeiramente. Alfin chegou a hora da punição dos seus crimes, que o delirio d'uma febre ardentissima lhes fizera commetter, e foram severamente castigados!...

Mas o do — Olho-vivo — esse bando de aves de rapina, que se sevam nos cadaveres das suas victimas, esses roubam, arruinam casas e familias inteiras, tombando-as na miseria, mas ás occultas; são covardes, miseraveis, que se abysmam no lodaçal do crime e da depravação, simplesmente fascinados pela ideia ambiciosa de accumular riquezas!

O « Liberal » tem indicado os nomes d'alguns individuos que tem sido carpiados soffrivelmente pelos taes tosquedores, mas ainda faltam muitos, e alguns bem conhecidos, e que representam, quer por si, quer por seus paes, um papel de bastante importancia na sociedade...

Eu conheço os roubados, e tenho ouvido contado, por muitas vezes, as scenas de *escamoteação*; o que n'ellas, sobretudo, mais faz indignar é ver um dos traficantes, que dizem chefe, ser um refiuado hypocrita, com capa de religioso, que, com palavras capciosas, suga continuamente os infelizes que lhe cahe nas mãos.

Portanto, continue v. sem temor na sua importante missão, até que alguém de recta consciencia vá dizer aos tribunaes os nomes de cada um d'esses vampiros, e rasgar-lhe a nojenta máscara que trazem afivelada ao rosto.

Pela inserção d'estas linhas no seu jornal, se confessará immensamente grato o que é de

V. etc.

F. V.

(Segue-se o reconhecimento.)

NOTICIARIO.

Tem estado enfermo o nosso amigo Cunha Vianna, um dos principaes redactores d'este jornal. Sentindo immenso os seus incommodos, desejamos-lhe breve estabelecimento.

A chuva e o vento fizeram greve e convencionaram atormentar-nos, o que téem feito soffrivelmente, apesar d'algum dizer que a chuva era necessaria, por haver já falta d'agoa.

Segunda feira ultima foi o dia de Santa Catharina, que dizem ser adovogada das dores de cabeça.

N'outros tempos, costumava festejar-se esta Santa n'uma capellinha ali perto de Rial, mas hoje, segundo nos informaram, nem sequer já tem telhado a tal capellinha.

Perguntamos nós agora: Qual a razão porque se não cumpre o legado d'uma missa todos os domingos e dias santificados, para o que, em tempo remoto, foi deixada uma certa pensão?

Se querem que o povo se esqueça, então desfaçam as lettras que estão cinzelladas em uma pedra, na mesma capella.

Seria bom que quem compete se encarregue de responder á nossa simples pergunta.

Sabbado ultimo foi o julgamento das duas policias correccionaes, uma promovida pelo snr. Fulgencio contra o snr. Manoel Joaquim Antunes, e outra vice-versa. O tribunal regorçava de espectadores, attrahidos ali não sabemos porque...

Os advogados d'accusação e defeza os snrs. drs. Pizarro e Fortuna, que, mais uma vez, deram evidente prova do seu talento.

Houveram scenas patheticas....e... amargos de boca; mas *Deus super omnia*, como diz o Borda d'Agoa.

O snr. Fulgencio foi condemnado em 15 dias de prisão, remiveis a 400 rs. e nas custas dos processos; e o snr. Antunes absolvido.

Estamos summamente convictos de que se fez justiça, porque o digno magistrado que proferiu a sentença, o snr. Ayres Frederico de Castro e Solla, além dos grandes conhecimentos que possui, é recto e imparcial.

No dia 1.º de Dezembro sóbe á scena, no theatro de S. Geraldo, o drama de A. Garrett — D. Philippa de Vilhena — que tem andado em ensaios no mesmo theatro. Além do drama ha mais uma comedia, intitulada — Entre a bigorna e o martello.

Os actores são curiosos, e cabem-lhe muitos louvores pelas fadigas a que se não tem poupado para commemorar o anniversario da nossa restauração.

São dignos dos mais lisongeiros encomios os membros da commissão academica do 1.º de Dezembro pelos obstaculos que tem superado, e trabalhos a que se tem dado, para cumprirem á risca, se não nimiammente, o programma que apresentaram. Nem outra cousa era d'esperar de tão illustre commissão.

Os festejos são brilhantes.

O *Te-Deum* cantar-se-ha na Sé, pelas 3 e meia horas da tarde.

A missa que, no dia seguinte, se tem de dizer, no templo dos Congregados, pela alma de João Pinto Ribeiro e dos quarenta fidalgos conjurados, será ás 10 e meia da manhã.

D'aqui enviamos um voto de louvor á illustre commissão, e os nossos parabens á nobre classe academica.

Eis o programma e convite:

PROGRAMMA:

Ao romper da manhã, ao meio dia e á noite, percorrerão as ruas da cidade duas bandas de musicas, tocando os hymnos da independencia e nacionaes, e queimar-se-ha grande quantidade de fogo. De duas em duas horas dar-se-hão salvas reaes.

Na tarde d'esse dia cantar-se-ha, na Sé Primacial, precedido d'uma brilhante oração, o solemne *Te-Deum* de Francisco Noberto dos Santos Pinto, a grande instrumental.

Na segunda feira, 2, dir-se-ha uma missa funebre, na igreja dos extintos Congregados, por alma de João Pinto Ribeiro e dos quarenta fidalgos que entraram na esplendorosa conjuração do 1.º de Dezembro.

CONVITE:

A commissão escolastica do 1.º de Dezembro convida a nobre mocidade estudiosa e todos os habitantes d'esta cidade, sem distincção de cor politica para assistirem ao solemne *Te-Deum* que para commemorar o anniversario da restauração portugueza, se tem de cantar na Sé Primaz, no dia 1.º de Dezembro, e á missa funebre, que, por alma de João Pinto Ribeiro, e dos quarenta fidalgos que entraram na conjuração, se tem de dizer, no dia immediato, no templo dos Congregados.

A commissão tambem pede aos nobres habitantes d'esta cidade, que illuminem suas casas na noite d'esse dia.

Ouvimos ha dias, com summa indignação, narrar um facto, praticado, segundo dizem, pelo parcho da freguezia de Ferreiros de Geraz, que a ser verdade, leva-nos a dizer que esse sacerdote não só é indigno de tal nome, mas increedor de severa punição.

Eis o facto: Uma mulher, cremos que d'aquella freguezia, era ama d'um exposto da roda d'esta cidade, o qual atacado não sabemos de que molestia, morreu; ella dirigiu-se ao referido parcho para fazer enterrar o finado. Este esqucendo a importante missão que lhe fora incumbida, e querendo mostrar a ambição que o dominava, recusou-se a enterrar-o, por lhe não pagarem os *direitos* parochiaes!!

A mulher pegou no cadaver e caminhou com elle para esta cidade, vindo queixar-se á *excm.ª* camara.

Por enquanto não sabemos o resultado d'este nojento drama; mas pedimos aos *excm.ºs* snrs. arcebispo e governador civil, inquerindo de facto narrado, e conhecendo ser verdadeiro, uzem com o delinquente de todo o rigor para exemplo e moralidade.

Os redactores d'este jornal andam tão assustados com as ameaças d'umas bengaladas, que nem podem sequer comer. Não lhes batam, não?!

Por achar-se já impressa a quarta pagina, publicamos n'este logar os seguintes annuncios:

Por ordem do *Exm.º* Governador da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, se previnem todos os possuidores d'obrigações prediaes municipaes d'aquella Companhia tanto nominativas, como ao portador que n'esta cidade e na casa do respectivo agente, campo de Sant'Anna n.º 66, se pagam os juros das mesmas obrigações, com vencimento no 1.º de Janeiro do anno proximo futuro, devendo os portadores que assim o desejarem declaral-o até ao dia 15 do proximo futuro mez de Dezembro; afim de se providenciar convenientemente o referido pagamento.

Braga 21 de Novembro de 1871.

João Antonio da Silva Pereira. (45)

Editos de 30 dias.

Pelo juizo de direito d'esta cidade e comarca de Braga e cartorio do escrivão ajudante João Marcos d'Araujo Ribeiro, correm editos de trinta dias, a contar do dia 14 d'este mez por diante, a requerimento dos auctores D. Thereza de Jesus Adelina Ribeiro, e marido Joaquim Ribeiro de Castro Silva, residentes na freguezia de S. Christovão, do julgado e comarca de Villa Verde, e seus irmãos Paulo José Marques de Carvalho e D. Maria José Capella, viuva, d'esta cidade, citando os réos Manoel Malheiro, d'esta cidade, e Domingos Pereira, menor pubere, criado que foi do fallecido José Antonio Marques, morador no campo de Sant'Anna d'esta mesma cidade, e elles auzentes em parte incerta, para que na segunda audiencia d'este juizo, posterior ao prazo dos editos, que vem a ser no dia 19 do proximo mez de Dezembro pelas 10 horas da manhã vejam accuzar-lhes as citações, e assignarem-se-lhes tres audiencias para contestarem, ou confessarem, querendo, o libello de nullidade de testamento, pelos predictos auctores deduzido, sob a pena de revelia e lançamento.

O solicitador,

Filippe Joaquim de Souza. (44)

THEATRO

DE

S. GERALDO

COMP.ª DRAMATICA DO INSTITUTO.

DOMINGO 1 DE DEZEMBRO

Subirá á scena o drama em 3 actos

D. PHILIPPA DE VILHENA.

A comedia em 1 acto

ENTRE A BIGORNA E O MARTELLO

(Satyra aos litteratos).

POESIA

recitada por A. J. C. Vianna.

PREÇOS:

Camarotes 1.ª ordem, lados 1\$600; frente 1\$800—2.ª ordem, lados 1\$800; frente 2\$000—3.ª ordem 1\$000.—Plateia superior 400 rs., geral 300 rs. Galerias, frente 200 rs., geral 120 rs.

Principiará ás 8 e meia horas.

AGRADECIMENTO

Antonio Joaquim Correia d'Araujo, summamente penhorado para com todos os illm.^{os} e exm.^{os} snrs. que lhes fizeram a honra de o cumprimentar, pela occasião dos seus incommodos de saude e de sua irmã Maria das Dores Correia d'Araujo, a todos agradece cordealmente protestando-lhes infinda gratidão. (42)

ANNUNCIOS.

Arrematação.

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão ajudante João Marcos d'Araujo Ribeiro, no dia 15 do proximo mez de Dezembro, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, no largo, Paço tem de andar em praça e arrematação os rendimentos presentes e futuros d'uma morada de casas sobradadas, sita na rua Nova de Santa Cruz, freguezia de S. Victor, d'esta cidade, designada pelo n.º 26 e 26 A, com quintal e poço mieiro, de natureza de prazo de que é directo senhor o Arcediago da Sé Primaz, e emphiteuta Antonio Ignacio Marques, a quem se paga o foro annual de 4\$700 rs., cujo rendimento liquido, foi avaliado annualmente em 16\$300 rs., já deduzido o foro; penhorado ao revd.º Manoel José d'Oliveira, da freguezia de Santa Eulalia de Tenões, sitio do Bom Jesus do Monte, d'esta comarca, na execução que a elle e outros promove João Luiz Pipa, d'esta cidade.

Este arrendamento será pelos annos necessarios para pagamento integral da divida execuenda.

Quem nos referidos rendimentos quizer lançar, póde comparecer no dia, hora e local indicados.

O solicitador,

Antonio Pinto da Cunha Barboza. (43)

CAFE' AGUIA D'OURO.

Abriu-se o novo café—AGUIA DE OURO, sito na esquina da rua das Aguas. O publico encontrará n'este novo estabelecimento varias bebidas e todas de excellentes qualidades. (10)

O proprietario do Café — AGUIA D'OURO—tem para vender um bilhar, mezas, e varios objectos pertencentes a botequim.

Quem quizer comprar alguns d'estes objectos póde dirigir-se a casa do mesmo, na rua das Aguas. (11)

COZINHEIRO.

Carlos dos Santos Pereira, cozinheiro que foi do Caffé Vianna, estando em casa do snr. José Certo declara que recebe todas as encomendas d'este genero encluido pastellaria e gellados por preços razoaveis.

N. B. Tambem vae fazer encomendas ás casas particulares.

BICHAS

Manoel José Ferreira, com loja de barbeiro na rua dos Chãos n.º 17, tem bichas de sangria, de superior qualidade, para alugar ou vender, promptificando-se a ir deital-as aonde fór chamado. (29)

Praticante de pharmacia.

Precisa-se para uma Pharmacia d'esta cidade — que tenha 3 ou 4 annos de pratica — a fallar ao administrador d'este jornal.

Correspondentes.

Para um jornal de Lisboa; prezizam-se de correspondentes em todas as terras. Carta a C. S. Escriptorio na Calçada do Duque n.º 14, 1, andar.—Lisboa.

LIVRARIA DE EUGENIO CHARDRON

Largo de S. Francisco n.º 4 —Braga.

Encontra-se á venda na dita livraria todos os compendios adoptados no lyceu nacional de Braga, bem como todas as novas publicações. (9)

LECCIONAMENTO DE FRANCEZ.

João José Alves d'Araujo, morador na rua das Agoas, n.º 102, achando-se habilitado pela sua longa estada em França e assiduo estudo, para leccionar francez, annuncia que, por modico estipendio mensal, começará o seu leccionamento no dia 1.º d'Outubro, promettendo desde já habilitar sufficientemente os seus leccionados para o exame final. (7)

ARMAZEM DE VINHOS

DO ALTO DOURO

DA
CASA DE VILLA POUCA.

Rua do Souto n.º 15.
BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarrafados e aquartilhados:

ENGARRAFADOS	
Vinho tinto de meza	450
» » »	490
» Lagrima	200
» Branco de meza	210
» tinto de meza fino	270
» de prova secca	300
» Malvasia de 2.ª	360
» » velho	400
» Bastardo	500
» Moscatel	500
» Malvasia	500
» Roncão	700
» Alvaralhão	560
» Velho de 1854	600

A RETALHO

Vinho para meza 40 e 80, o quartilho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluído o valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 40 reis por cada uma. (8)

Este jornal está habilitado.

BRAGA: — Typ. de D. G. Gouvea.

Rua Nova de Souza, n.º 45.



O FAVORITO DAS DAMAS

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E ANNUNCIADOR

N'este seculo de civilização, em que a imprensa illustrada tem sustentado grandes pugnas pelos interesses sociaes, desmascarando e castigando pela palavra eloquente, tudo quanto se oppõe á marcha do verdadeiro progresso; nota-se com grande pezar, que, encontrando o homem na imprensa periodica, um campeão denodado que o deffenda das aggressões publicas, onde busque muitas vezes illibar a sua honra calumniada, finalmente que encontre no jornalismo um ponto de apoio para curar os seus interesses e os do publico; a mulher, esse ente tão apreciavel que Deus collocou no jardim da vida, para ser a terna companheira do homem, e que se dispõe de tão elevados dotes intellectuaes e de espirito, não tenha um jornal exclusivamente seu, onde possa affrontar os cruéis embates que soffre da sociedade, por meio dos arrojados vôos do seu fecundo talento. Convencidos, pois de que até hoje não se tem publicado uma folha que advogue os interesses da mulher, que tanto carece de apoio, propomo-nos encetar a honrosa tarefa, publicando um jornal, que intitular-se-ha: O FAVORITO DAS DAMAS; aonde as senhoras da capital e provincias, podem gratuitamente exprimir os seus nobres sentimentos, e deffender-se de ultrages e humilhações, embellesando com os seus nomes as columnas do seu dedicado campeão de deffeza—O FAVORITO DAS DAMAS, que publicar-se-ha aos domingos, e cada numero conterà 8 paginas de impressão e será acompanhado de uma caderneta de 16 paginas de escolhido romance. A sublime tarefa a que nos dedicámos, foi já coroada com os valiosissimos donativos de algumas damas, titulares, e no primeiro numero d'este jornal promettemos principiar a publicar os nomes de todas as damas, que nos honrarem com as suas assignaturas, correspondencias e collaboração.

Procurando prestar um relevante serviço ao bello sexo, esperamos que todas as nossas damas nos coadjvem, certas de que são os seus legitimos interesses que vimos deffender.

A boa camaradagem que esperamos encontrar no jornalismo dá-nos a firme certeza que todos os nossos illustres collegas a quem temos a honra de enviar o presente, nos obsequiem com a publicidade do mesmo o que desde já lhes agradecemos.

As assignaturas são pagas adiantadas; sendo convidativa a aquisição do jornal pela modicidade do preço.—Lisboa; 4 mez, 430 reis, trimestre 390 reis, semestre 780 reis, anno 1\$560 reis.—Provincias; 4 mez 150 rs., trimestre 455 reis, semestre 910 reis, anno 1\$820 reis. O importe das assignaturas das provincias; póde ser enviado em estampilhas ou valles do correio, devendo toda a correspondencia ser dirigida franca de porte ao gerente Cunha Lima, no escriptorio, Calçada do Duque n.º 14, 1.º andar.—Lisboa.

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

EUGENIO CHARDRON

LARGO DE S. FRANCISCO-BRAGA.

PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

Livros religiosos —Mr. Gaume — Onde Estamos? estudos sobre os actuaes acontecimentos, 1 vol m-8.º 500	Mata-a ou ella te matará, ou homem-mulher ou mulher-homem, etc., scenas da vida conjugal, 1 vol. 200
Padre Marchal —Missionario apostolico, a mulher como deveria sel-o, 1 vol. 460	Alberto Pimentel —A virtude de Rosina, por Arsenio Houssaye, 1 vol. 400
Vozes Propheticas ou aparições e predicções —Tiradas principalmente dos Annaes da Egreja a respeito dos grandes acontecimentos do seculo XIX e do proximo fim dos tempos, por o padre J. M. Curique, Sacerdote da diocese de Metz, membro correspondente da Sociedade Historia de Nossa Senhora de França, escolhidas e vertidas da lingua franceza para a portugueza, por M. F. M. S. 1 volume. 250	— Nervosos lymphaticos e sanguineos. 1 volume. 300
Fabiola ou a Egreja das Catacumbas —Tradução de Mesquita Pimentel, 2 vol. 8.º 1\$200	Memorias de um caixeiro ou um drama da vida commercial, 1 vol. 600
E' uma das obras mais bellas da litteratura religiosa e das mais eloquentes do sabio cardeal Wisemann.	Ponson du Terrail —Memorias d'uma viuva, 2 volumes. 1\$000
Direcção para socegar nas suas duvidas as almas timoratas —Pelo R. padre Quadrupani Bernabita, traduzido por Joao Joaquim d'Almeida Braga, 1 volume em 12.º 400	— O Ferteiro da abbadia da corte de Deus, 4 volumes. 2\$000
A. Villas-Boas —Os papas dos tempos modernos, grandeza e decadencia do papado nos tres ultimos seculos, 1 volume in-12.º 600	(Tomo 3.º e 4.º no prélo).
Grande dictionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza , pelo Dr. Fr. Domingos Vieira 17 cadernetas. No prélo mais 6 volumes. 30 volumes e 17 cadernetas.	Julia de Tréceur, por Octave Feuillet 1 volume. 300
Edições feitas no anno de 1872 pela livraria d'E. Chardron. Porto e Braga.	Anthero de Quental —Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza, 1 vol. 200
C. C. Branco —O carrasco de Victor Hugo José Alves, 1 vol. 500	Theatro de sala —Ensaio de casamento, traducção de João de Deus, 1 vol. 100
— A freira no subterraneo, romance historico, 1 volume. 500	— A viuva inconsolavel, traducção de João de Deus. 400
— Os amores do Diabo, 1 vol 500	Manoel Pereira Lobato —Os fidalgos do coração d'ouro, 4 vol. 800
	Ernesto Pinto d'Almeida —Olympia. 1 vol. in-8.º 400
	Candido de Figueiredo —Liberdade de industria nas suas relações com a politica e com a historia da civilização, contendo: — O trabalho. Suas leis. — A liberdade. Sua determinação e economia. — As corporações de artes e officios. — A Revolução franceza e a Economia Política.—Fundamentos da liberdade industrial.—Argumentos praticos em favor da liberdade de industria.—O estado das alfandegas e a paz universal. — O presente e o futuro do trabalho, 1 vol. in-8.º 300

Satisfaz com brevidade qualquer pedido de livros portuguezes e estrangeiros.